

Drones, sensores, tecnologia vestível, etc.: o efeito colateral das novas ferramentas para jornalistas¹

Alfredo José Lopes Costa²

Gibran Luis Lachowski³

Konrad Felipe Hencke⁴

Resumo: O trabalho busca compreender as transformações na prática e no ensino do Ciberjornalismo e as diversas possibilidades de narrativa na era digital proporcionadas pela tecnologia de ponta usada por jornalistas inovadores. Entretanto, se por um lado os novos dispositivos podem contribuir para melhorar a qualidade das rotinas jornalísticas, por outro, a tentativa, por parte dos professores, de acompanhar as inovações da atualidade podem causar efeito colateral (chamado de “infoxicação”) pela sensação de estarem constantemente desatualizados. Para identificar como o nível de exposição dos docentes às novas tecnologias, principalmente as conectadas à internet, repercute em suas vidas profissionais, apresenta-se análise com base em levantamento feito junto a um conjunto de professores dessa área de conhecimento.

Palavras-chave: Ensino de jornalismo. Ciberjornalismo. Novas tecnologias. Infoxicação.

¹ Artigo enviado na modalidade “Ensino em jornalismo”.

² Graduado em Jornalismo, especialista em marketing, mestre em administração estratégica e mercadologia, professor assistente da Universidade Federal de Mato Grosso UFMT – Campus Araguaia, membro do Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo da UFMS (Ciberjor/UFMS), e-mail: alfredo.costa@gmail.com.

³ Graduado em Jornalismo, mestre em Estudos Literários e Culturais, professor assistente da Universidade do Estado de Mato Grosso Unemat – Campus Alto Araguaia, e-mail: prof.gibranluis@gmail.com.

⁴ Graduado em Jornalismo. Assessor de imprensa da Câmara dos Vereadores de Barra do Garças (MT), e-mail: konradfelipe@gmail.com.



INTRODUÇÃO

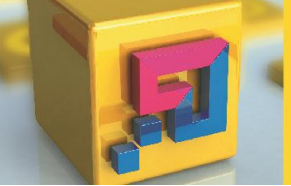
Até bem pouco tempo, o acesso à informação se resumia, *grosso modo*, aos especialistas (os professores, por exemplo) e a suas fontes (os livros, por exemplo). Isso não é mais assim. Há uma geração que já nasceu cercada pela tecnologia digital: *notebooks, tablets, smartphones, videogames, webcams*, entre outros aparatos tecnológicos, fazem parte do cotidiano dessa geração, passando do *status* de ferramentas para o de linguagem comum e falada fluentemente por essa geração. Esses jovens são chamados de “nativos digitais”, termo foi cunhado pelo educador e pesquisador Marc Prensky (2001).

Muitos desses “nativos digitais” tornam-se jornalistas inovadores, com domínio da tecnologia de ponta, que não cessa de incorporar as possibilidades de novas narrativas proporcionadas por expressões como “*drones, sensores, tecnologia vestível*”, etc. – que preocupam profissionais e professores “imigrantes digitais”, ou seja, vindos das gerações anteriores, que viram essas tecnologias se desenvolverem, se solidificarem e invadirem seu cotidiano.

O modo de fazer, veicular e consumir notícias está mudando drasticamente na era do ciberjornalismo e essas mudanças desafiam pesquisadores e estudiosos a encontrarem meios de analisar e discutir as novas linguagens. A convergência digital, expressa pela produção de informação em ambientes virtuais, a partir, sobretudo, de tecnologias conectadas à internet, influencia no estatuto profissional do jornalista e do jornalismo, assim como no do leitor/internauta/receptor e, também, na estrutura da formação acadêmica relativa aos cursos universitários de Comunicação Social/Jornalismo.

O mundo está muito mais veloz, diversificado e interessante quando o assunto é acesso disponibilidade à informação. O problema, agora, é o que o físico Alfons Cornellá classificou de “infoxicação”⁵, para designar a relação entre informação e intoxicação, um neologismo para explicar a dificuldade em digerir o excesso de informação e um sentimento generalizado de estar sempre desatualizado. Ou seja, originalmente, o termo

⁵ Alguém poderia dizer que o caso da Infoxicação se trata de modismo ou tendência em ver problemas onde não existe, mas o fato é que, entre 20 e 22 de novembro de 2013, na Escola de Comunicação da Universidade de Sevilha, realizou-se o I Congresso Internacional Infoxicação. Os trabalhos estavam relacionados a qualquer área de Jornalismo, Psicologia, Pedagogia, Direito, Antropologia, Sociologia, Comunicação, Publicidade e Relações Públicas. Página do evento disponível em < <http://fcom.us.es/i-congreso-internacional-infoxicaci-n->>. Acesso em ago. 2014.



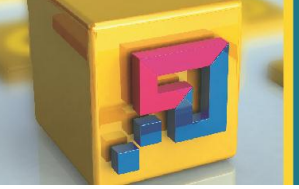
diz respeito a um efeito colateral provocado em decorrência do consumo excessivo de informações. Essa foi a nossa preocupação em trabalho anterior (LOPES COSTA e LACHOWSKI, 2014), em que analisamos o uso sistemático de *softwares* como aplicativos, redes sociais, blogs e *podcasts*, como fatores de estresse no ambiente acadêmico.

Agora, neste artigo buscamos identificar o nível de exposição a que professores de jornalismo enfrentam em função do constante lançamento de ferramentas tecnológicas voltadas à profissão. O tema da pesquisa relaciona-se à incessante produção de *hardwares* associados à prática jornalística contemporânea, como *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, computadores *all in one*, sensores, drones e dispositivos vestíveis, que tende a interferir cada vez mais na rotina dos docentes de jornalismo, vez que boa parte das novas gerações de estudantes (nativos digitais) incorporam com facilidade o discurso e a vivência da ambiência digital, ao contrário dos profissionais e professores que vêm de gerações mais antigas (“imigrantes digitais”) e podem sofrer com a permanente necessidade de acompanhar lançamentos desses dispositivos e atualizar suas habilidades em manipulá-los. Aqueles tendem a reagir às novidades de forma intuitiva, adaptando-se rapidamente às novas linguagens embutidas nos dispositivos. Estes tendem a necessitar “entender” forma racional essas mesmas linguagens.

Entre os desafios do ensino do Ciberjornalismo está o atraso da revolução digital no ensino universitário. O professor deixou de ser o único canal entre o aluno e o conhecimento e já não consegue mais acompanhar a atualização de todos os *hardwares* usados no jornalismo online e que muitas vezes são do domínio dos jovens alunos. A todo momento estão surgindo novas ferramentas ao mesmo tempo em que as já existentes são atualizadas, também no mesmo ritmo. Por isso, pode acontecer de o aluno já estar usando um artefato mais atual ou uma versão mais recente do equipamento que o professor ou os colegas estão usando.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao discorrerem sobre algumas particularidades do jornalismo online 1.0, Cavalcanti e Ferrari (2013) dizem que “se pensarmos que em 1995 não tínhamos Google, Facebook, YouTube, Twitter, *download* de músicas no iTunes, *download* de filmes no Netflix talvez começemos a achar que não se fazia jornalismo digital nessa época. De fato, as facilidades



decorrentes das tecnologias hoje disponíveis, tornam o dia a dia dos jornalistas bem mais ágil e dinâmico, podendo, no entanto, empurrá-los para o fetiche com a velocidade e o distanciamento da apuração em campo.

Mas, esse percurso não foi tranquilo. Quem acompanha a evolução das ferramentas tecnológicas à disposição dos jornalistas, teve de aprender a lidar com diversos artefatos que, muitas vezes, tornaram-se “lixo eletrônico”⁶.

Entre 1998 e 2000, vários repórteres de portais utilizavam no dia a dia câmeras Mavica, fabricadas pela Sony, cuja principal característica era gravar fotos (em formatos de arquivos de imagem) em disquetes de 1.44 MB. Era uma briga para ver qual repórter ia para as ruas com a Mavica. E quando se esquecia o disquete no táxi? Relativamente grandes e pesadas, pareciam uma bolsa a tiracolo, mas a facilidade que o repórter tinha de realizar sozinho a pauta e fotografar eram imbatíveis, pois se ganhava tempo durante a edição (CAVALCANTI E FERRARI, 2013).

Na Internet, munido de celular e câmera digital, o repórter transforma-se em unidade geradora de texto e imagem, de modo que o receptor receba não apenas o cenário dos fatos, mas o texto com dados, números, detalhes, entre outras informações, explicando o que se passa. Isto é: A Internet vai além da TV quando une texto e imagem, transmissão ao vivo com reportagem impressa. Ferrari (2004, p. 4p. 48) diz que os jornalistas *on-line* precisam sempre pensar em elementos diferentes e em como eles podem ser complementados: “procurar palavras para certas imagens, recursos de áudio e vídeo para frases, dados que poderão virar recursos interativos e assim por diante”.

Alec Duarte recomenda⁷ que quem tiver habilidade para fotografar, gravar áudio, filmar, narrar ao vivo, tuitar, enfim, tiver condições de abraçar todas essas mídias ao mesmo tempo, tem obrigação de fazê-lo. Ele explica que tais habilidades específicas estão dentro do espectro dos novos produtos portáteis (notadamente, *notebooks* e celulares), que facilitam a transmissão de dados.

⁶ De acordo com a Wikipedia, “Resíduo computacional também conhecido como Resíduo eletrônico ou lixo eletrônico, conhecidos pelo acrônimo de REEE (Resíduo de Equipamentos Eletrônicos) é o termo utilizado para qualificar equipamentos eletroeletrônicos descartados ou obsoleto. A definição inclui computadores, televisores, telemóveis/celulares, entre outros dispositivos. A classificação dos produtos por categoria pode ser encontrada no site da Comunidade Européia.” Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Res%C3%ADduo_eletr%C3%B4nico >. Acesso em ago. 2014.

⁷ Disponível em < <http://webmanario.wordpress.com/2009/02/07/uma-entrevista-aos-sabados/> >. Acesso em mar. 2014.

Mas como separar o joio do trigo? Ou como distinguir o que é apenas um *gadget*, com função social de status, do que realmente é ferramenta útil para o jornalista? A necessidade de acompanhar de forma sistemática as melhores práticas no jornalismo móvel motivou estudantes de jornalismo da universidade americana de Missouri-Columbia a criarem um blog para acompanhar os aplicativos, os equipamentos e as tendências em apuração de informações por meio da tecnologia móvel mais recente ⁸.

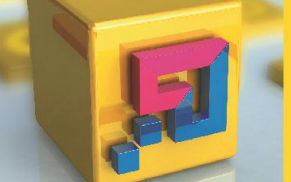
As mudanças do ambiente comunicacional contemporâneo exigem, segundo Lemos (2013), esforços teóricos consideráveis. Segundo ele, tudo começou com McLuhan:

Para o pensador canadense, os media modificam nossa visão do mundo. Ele mostrou como a imprensa transformou o mundo da cultura oral, da mesma forma como a eletricidade estaria modificando o que ele chama de media do individualismo e do racionalismo, a imprensa de Gutenberg.

Segundo Martino (2008), além de McLuhan, que teria sido não somente um pensador dos meios de comunicação, mas o primeiro intelectual midiático, no sentido pleno, Harold Innis - que estudou a importância dos meios de comunicação sob uma perspectiva histórica – também apresentou contribuição significativa para a formação do chamado pensamento comunicacional canadense. Mas é em Joshua Meyrowitz que se encontra uma das expressões mais atualizadas da linha de pesquisa de McLuhan e Innis, batizada por ele como a Teoria do Meio. Aquele autor defende que “cada meio de comunicação, de forma única, muda as fronteiras que definem os papéis sociais e as instituições sociais (MEYROWITZ *apud* SOUSA, 2003, p. 85). Os meios de comunicação eletrônicos promovem novas formas de acesso à informação que desencadeiam nova paisagem social:

Então, é a nova paisagem social forjada pelos meios de comunicação eletrônicos o objeto de estudo da segunda geração da Teoria do Meio. Meyrowitz se preocupa em como as pessoas mudam seu comportamento social por conta da inserção desses novos meios. O objetivo é estudar essa nova paisagem social que se forma analisando as transformações causadas pelos meios eletrônicos na vida do cidadão comum (SOUSA, 2003, p. 89).

⁸ O blog chama-se *Mobile Journalism Tools* (Ferramentas de Jornalismo Móvel). Disponível em < <http://mobilejournalismtools.blogspot.com.br/> >. Acesso em ago. 2014.



A sociedade contemporânea se vê diretamente ligada a novas maneiras de interação e comunicação. As novas mídias (digitais) aparecem com a revolução da microeletrônica, na segunda metade da década de 70, através de convergência e fusões, principalmente no que refere à informática e às telecomunicações.

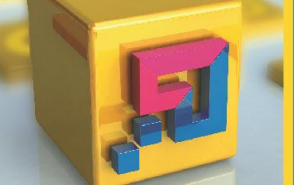
Tudo converge: a globalização da economia, um mercado que avança cada vez mais profundamente sobre a vida social, o crescimento de uma tecnociência, que sempre produz mais conhecimentos e objetos, um espaço de comunicação cada vez mais livre e aberto. Tudo converge para o virtual. (LÉVY, 2001, p. 123).

Lévy (1999) afirma ainda que na cibercultura existe a mudança na relação com o saber, visto que o suporte para o processo cultural está em dispositivos móveis e fixos com interfaces computacionais que ampliam e transformam as funções cognitivas humanas.

A convergência digital, expressa pela produção de informação em ambientes virtuais, a partir, sobretudo, de tecnologias conectadas à internet, influencia no estatuto profissional do jornalista e do jornalismo, assim como no do leitor/internauta/receptor e, também, na estrutura da formação acadêmica relativa aos cursos universitários de Comunicação Social/Jornalismo. Afinal de conta, trata-se da formação do profissional que deveria ser o “especialista” em mídias.

A convergência digital faz parte do que se chama de “cultura da convergência”, conceito largamente associado a pesquisadores da mídia como o professor de Jornalismo da Universidade do Sul da Califórnia Henry Jenkins (2008), referindo-se a junções de esforços e percepções, expressas por dispositivos tecnológicos, reconfigurações de funções profissionais (estimulando a multitarefa) e de espaços de trabalho (multimidiáticos), mudanças na relação com o público (tendente a ser mais interativo), entre outras ocorrências.

Jenkins destaca a possibilidade de diferentes abordagens e visões sobre o enredo principal de uma narrativa (transmidiática), constituindo uma narrativa multiforme. Um exemplo é o seriado de TV “Lost”, em que a integração com outros meios digitais como a internet disponibiliza materiais extras, como a possibilidade de “baixar reprises por encomenda”, o que está em sintonia com a “nova cultura da convergência” (JENKINS, 2008, P. 321).



É verdade que os códigos para participar desse mundo imaginário não estão disponíveis para todos, mas Jenkins (2008, p. 321-322) afirma que “não é difícil imaginar que as redes de TV um dia poderão exigir a ‘versão de transmissão’ de um episódio e depois incentivar os espectadores a baixar a versão do diretor”, ou seja, os produtores não terão mais de escolher entre afastar novos espectadores com um enredo complexo, ou afastar a audiência cativa com detalhes requeitados de episódios anteriores.

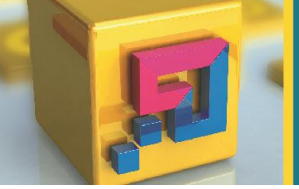
Lemos registra, porém, a visão pessimista de Baudrillard que é a do excesso: “Quanto mais trocamos informações, menos estamos em comunicação. Trocamos o real pelo hiper-real, a verdadeira comunicação por sua simulação. Estaríamos diante de uma encefalação eletrônica, onde o real desaparece com a instituição do seu simulacro (LEMOS, 2013, p. 73). Para o autor, Sfez acompanha o raciocínio de Baudrillard, ao pensar a comunicação como uma moribunda morrendo por excesso:

Com as novas tecnologias, estaríamos vendo o nascimento de um Frankenstein tecnológico que institui a repetição e o isolamento, o tautismo. Lucien Sfez propõe que a comunicação contemporânea é marcada pelo imperativo tecnológico, agora sob a forma de *tecnologias da mente*. Essas produzem uma forma simbólica, o tautismo, como repetição e isolamento patológico do mesmo, tornando-se símbolo da cultura contemporânea (SFEZ *apud* LEMOS, 2013, p. 77).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS

Diante desse cenário de evolução das tecnologias de informação e comunicação, surge a indagação central do artigo, como se recoloca a seguir: “O nível de esforço que empreendido pelos professores para manterem-se atualizados quanto às novas ferramentas tecnológicas ligadas ao jornalismo como *drones*, sensores, tecnologia vestível, *tablets*, *smarthones*, entre outras, pode causar efeito colateral (chamado de “infoxicação”) no ambiente acadêmico, pela sensação, por parte dos docentes, de estarem constantemente desatualizados?

Para responder a essa questão, procuramos realizar um mapeamento de hábitos de docentes de ciberjornalismo e disciplinas da Comunicação Social que dialogam e/ou utilizam mecanismos e equipamentos ligados às chamadas novas tecnologias. Isso foi efetuado a partir de um questionário-padrão (aberto, a fim de incentivar respostas de cunho reflexivo) para professores universitários de cursos de Jornalismo/Comunicação no País.



O questionário envolveu quatro perguntas, focadas em saber: o nível de interesse e intimidade quanto ao lançamento de *hardwares* relativos ao jornalismo; a finalidade desse contato com a tecnologia; o patamar de relacionamento com os estudantes no que concerne às ditas novas ferramentas tecnológicas; e o nível de esforço empregado para manter-se atualizado. À frente, quando se apresentar e se discutir os dados coletados junto aos entrevistados, cada pergunta será transcrita na íntegra, a fim de que se garanta precisão e formalidade científica na apresentação do material.

Treze questionários foram respondidos, por profissionais de 22 a 78 anos de idade, com maior concentração na faixa entre 27 e 45 anos. A qualificação acadêmica dos entrevistados vai de graduação a doutorado (um graduado, cinco mestres e sete doutores). Os mestrados são nas áreas de “Comunicação”, “Ciências da Comunicação”, “Comunicação e Informação” e “Gestão Empresarial e Desenvolvimento” e os doutorados em “Comunicação”, “Educação”, “Multimeios” e “Linguística e Filologia”. Dos 13, 12 são graduados em Comunicação Social/Jornalismo e um em Letras. Dos treze, 12 estão na ativa como professores e um é aposentado, mas atua como voluntário em cursos de pós-graduação.

As origens institucionais dos entrevistados (no que diz respeito ao local de conclusão de estudos ou onde ainda estão cursando disciplinas ou ministram aulas) compreendem seis Estados – Paraíba, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Tocantins, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, quais sejam: Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)/campus de Alto Araguaia; Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)/campus de Cuiabá; Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)/campus Araguaia, em Barra do Garças; Universidade Federal do Tocantins (UFT); Universidade Federal de Uberlândia (UFU); e Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).

O rol de disciplinas ministradas pelos docentes é extenso e variado e, por conta disto, registramos uma síntese que, a nosso ver, dá a amplitude e a especificidade da atuação dos respondentes. As matérias foram classificadas em categoriais para facilitar a compreensão e são as seguintes: Gerais (“Introdução à Metodologia Científica”, “Trabalho de Conclusão de Curso I” e “Trabalho de Conclusão de Curso II”); Comunicação

(“Antropologia e Comunicação”, “História da Comunicação e dos Meios” e “História Contemporânea”); Teóricas do jornalismo (“Teorias do Jornalismo”, “Gêneros Jornalísticos” e “Controle de Opinião Pública”); Práticas e laboratoriais (“Redação Jornalística”, “Laboratório de Telejornalismo”, “Planejamento Gráfico”, “Fotojornalismo” e “Jornalismo de Revista”) e Concernentes ao ciberjornalismo (“Jornalismo Digital”, “Produção Transmidiática em Comunicação”, “Monitoramento e Análise de Mídias Sociais”, “Produção Multimídia” e “Narrativas audiovisuais em mídias digitais”).

A maioria das disciplinas ministradas pelos professores encaixa-se na dimensão prática e laboratorial, ligada, *a priori*, a uma mídia ou função/atividade específica, como “Planejamento Gráfico” (diagramação impressa), “Redação Jornalística” (produção textual para jornal impresso diário) e “Jornalismo de Revista” (publicação impressa com maior periodicidade).

Entretanto, isso pode ser acrescido de multimidialidade dependendo da ementa da disciplina e do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Matérias como “Planejamento Gráfico” têm condições então, de estender-se para a diagramação em plataformas digitais, assim como “Redação Jornalística” dialogar e incorporar elementos narrativos de outras mídias. Do mesmo modo, a disciplina “Jornalismo em Revista” também pode ser pensada e executada em formato digital.

Matérias aparentemente sem ligação com o ciberjornalismo, como “Antropologia e Comunicação”, podem demonstrar bom potencial tecnológico e multimidiático se, por exemplo, empregar o uso de *hardwares* em trabalhos de caráter etnográfico.

3 RESULTADOS

Apresentam-se aqui os resultados do levantamento realizado em agosto deste ano junto a um conjunto de professores da área de Jornalismo, para conhecer o nível de exposição deles à incessante produção de *hardwares* associados à prática jornalística contemporânea, e como isto repercute em suas vidas profissionais.

Quanto à primeira indagação do questionário-padrão (“Qual o seu nível de interesse e intimidade em relação ao constante lançamento de ferramentas tecnológicas (*hardwares*) ligadas ao jornalismo?”), as respostas apontam para um patamar de atenção dos docentes de “razoável” (também associado às expressões “médio”, “mediano”, “com

interesse”, “tomo conhecimento”) a “alto” (ligados a termos como “interesse constante”, “amplo interesse”, “extremamente alto” e “grande”). Esse grau de conexão com os instrumentos tecnológicos se dá a partir, sobretudo, de leitura de notícias e de materiais especializados.

Em relação ao grau de conhecimento sobre o uso das ferramentas tecnológicas, ainda no que concerne à pergunta inicial, os professores registraram apontamentos que seguem as respostas da primeira parte da questão. Variam de “alguma intimidade” (“Eu ainda estou me familiarizando com elas, estudando Ciência da Informação”⁹ – entrevistado 7, que ministra disciplinas ligadas à metodologia da pesquisa), passando pelo empenho compassado em saber utilizá-las [“(…) conheço as ferramentas, porém tenho uma certa resistência em incorporá-las ao meu dia a dia e atividades de ensino. Porém, lentamente vou aderindo a elas” – 9, que dá aulas em matérias de redação], até um alto grau de assimilação (“a intimidade sempre crescente. A cada novidade, tento aprender, explorar as funcionalidades e aplicar” – 10, que ministra disciplinas ligadas à produção noticiosa).

Algumas respostas desdobraram-se e problematizaram o próprio questionamento. O entrevistado 1 (que dá aulas de matérias referentes a teorias do jornalismo e comunicação) mencionou que desenvolve um projeto acadêmico voltado a microentrevistas feitas no *Twitter* e *Facebook*, especificando seu nível de intimidade com os *hardwares*. O entrevistado 2 (que ministra disciplinas de telejornalismo e mídias digitais) antecipou a discussão sobre a possível “infoxicação” a que docentes estão submetidos em razão da tentativa de acompanhar o constante lançamento das ferramentas tecnológicas ao mencionar: “Tomo conhecimento, mas não fico na ânsia de usar. Só me preocupo em aprender quando terei que utilizar”.

Em relação à segunda pergunta (“Com que finalidade(s) você se relaciona com essa constante produção de *hardwares*, levando em conta sua condição de professor de jornalismo?”), as respostas indicaram: estar informado e atualizado profissionalmente de modo geral; satisfazer curiosidade; estar “antenado” a novidades ligadas a disciplinas

⁹ Optou-se por referir-se aos entrevistados por meio de números em vez de seus nomes a fim de garantir devido nível de distanciamento científico na apresentação e tratamento das informações obtidas.



ministradas; contribuir com estudantes em sala de aula; preparar acadêmicos para mundo do trabalho cada vez mais marcado pelo uso de tecnologias; debater cenário do jornalismo; atender a objetivos utilitários da rotina acadêmica; melhorar processo de ensino-aprendizagem; atrair maior interesse dos jovens estudantes durante as aulas.

Algumas respostas merecem maior detalhamento por seu nível de pragmatismo: “Relaciono-me quando tenho a necessidade de uso. Por exemplo, precisei aprender a usar uma ferramenta da universidade para lançamento de notas, presença, etc., agora domino a ferramenta” – entrevistado 2.

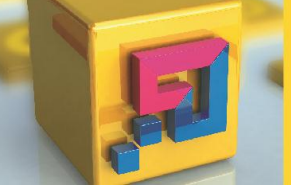
Outros apontamentos valem a pena ser expostos por conta das percepções embutidas. Para o entrevistado 4 (que dá aulas de disciplinas ligadas à história da mídia e produção transmidiática), a realidade contemporânea está permeada pelos instrumentos digitais e se orienta por uma cultura de participação tecnológica: “Ao considerar que estamos imersos cada vez mais no uso e/ou na prática desses novos dispositivos, a capacidade de interação é um dos meios para melhor educar e aprender, visto que as plataformas visuais possuem este ‘poder’”.

Avançando nessa linha de raciocínio, o entrevistado 10 assinalou a importância mercadológica no ensino do jornalismo de convergência tecnológica, que busca consolidar o profissional de perfil multitarefa, uma nova conformação do espaço de trabalho (com empresas que incorporam o teor multimidiático no processo de concepção, elaboração e produção de materiais informativos) e potencializar a interatividade digital com principal mecanismo de participação social, vez que

(...) o uso das tecnologias é constante e avançado nas redações dos mais variados meios de comunicação (sem dizer do jornalismo digital e para novas mídias, que tem aumentado o leque de oportunidades no mercado jornalístico). Logo, preparar o futuro profissional do jornalismo para o uso dessas tecnologias no mercado também é função da universidade, na minha opinião”(ENTREVISTADA 10).

Em contrapartida, o entrevistado 5 (que ministra matérias referentes à reportagem) relativizou a importância de conhecer, saber usar e adquirir os constantes lançamentos de *hardwares*, concentrando sua atenção na análise crítica da realidade e na capacidade de filtrar e ordenar reflexivamente a imensa corrente informativa que paira pela *web*.

Veja bem, eu uso os programas, não uso *hard*. O programa é *software*. Não me interessa o *hard* e acho que na minha condição não tenho que me atualizar sobre *hard*, e sim ficar atento aos *softwares*. Eu uso *notebook*. Telefone eu uso para falar. O acesso permitido pelos *iphones*, *ipads* é só



uma questão de mobilidade, o resto está no *desktop*. Minha preocupação é que tecnologia não faz jornalismo, quem faz jornalismo é quem pensa. O fluxo de notícia dos dias atuais passou a exigir mais do jornalista, que deve navegar num mar de informação que nem sempre é relevante a ponto de se tornar jornalismo (ENTREVISTADO 5).

As respostas quanto à terceira pergunta (“Em que medida você consegue dialogar e ensinar os estudantes de jornalismo nas disciplinas que ministra, levando em conta a teorização e a utilização de novas ferramentas tecnológicas? Se possível, conte alguma(s) situação(ões) vivenciada(s) que possa(m) ilustrar a resposta”) apontam para um ambiente em que os papéis sociais do professor e do estudante permanecem bem definidos, apesar da reconhecida proximidade dos acadêmicos no que se refere ao conhecimento relativo a *hardwares* e da potencial maior afinidade deles com estes aparatos.

Nenhum dos registros dos professores expôs um quadro ou uma situação em que a eventual falta de informação ou dificuldade de uso em relação a uma ferramenta tecnológica tivesse causado mal estar em sala de aula. São inúmeras as estratégias de ensino-aprendizagem do jornalismo para garantir o diálogo com os estudantes e a utilização de *hardwares*, conforme os relatos dos docentes.

Entre elas estão: exposição de textos científicos e notícias de publicações especializadas por meio de impressos, *data show*, explicações orais e uso de pincéis atômicos; indicação de *sites* especializados; convite a profissionais integrados a sistemas tecnológicos; uso de ferramentas e ambiências na produção de exercícios, como perfis de disciplinas em redes sociais, *softwares* livres, *blogs*, *smartphones*, *tablets* (geralmente dos próprios alunos), máquinas fotográficas e gravadores.

Foi bastante citada nas respostas a importância de se fazer uma discussão teórica sobre o uso dos *hardwares*, o que se verificou a partir de registros relativos: ao constante diálogo; à vinculação das apresentações de trabalhos ao uso das tecnologias, contudo com sustentação conceitual; ao fluxo contínuo de coleta de informações nos meios de comunicação, sobretudo nas chamadas mídias sociais, para dar exemplos e fazer contrapontos.

Nesse sentido, vale ressaltar a ponderação feita pelo entrevistado 4, para quem “Permeada através dos discursos da indústria cultural, a utilização dessas novas ferramentas nas aulas serve como meio de apontar e discutir caminhos para onde a comunicação, o jornalismo está indo”.

Outras estratégias para teorização e utilização dos *hardwares* expostas na pesquisa foram a menção de experiências exitosas e que fracassaram em empresas jornalísticas e/ou de comunicação e a análise de produtos jornalísticos multimidiáticos.

Os docentes mencionaram algumas situações que auxiliam na percepção de como está se dando o processo de ensino-aprendizagem no que tange às ferramentas tecnológicas, quais sejam: o acesso comum ao *Google* via *smartphone*, *tablet* ou *notebook* para dirimir alguma dúvida; e a descoberta de elementos e funções tecnológicas não dimensionadas pelo professor.

Quanto a esse último tipo de ocorrência, cabe registrar a importância de um saudável ambiente de partilha de saberes:

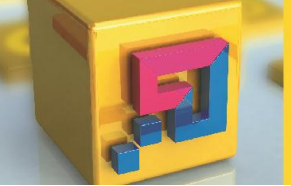
Como tenho *smartphone* utilizo suas ferramentas e acabo aprendendo pelo uso, mas não sou *expert* em tudo e acabo aprendendo com os alunos também. Acho que o ensino nesta área evolui quando sabemos do que estamos falando e como utilizo as ferramentas; mesmo que com intensidade moderada acabo não ficando ‘para trás’ (ENTREVISTADO 2).

Por fim, quanto à terceira questão, é importante destacar a observação feita pelo entrevistado 12 (ligado à área de teorias do jornalismo e produção de notícias e reportagens), que procurou organizar teoricamente o processo evolutivo das tecnologias de mídia de modo a demonstrar o que é, de fato, inovação e o que corresponde a simples derivativo. Para o respondente, as inovações fundamentais foram: a eletrônica (a partir do *chip*, no pós-Segunda Guerra); a digital (que alterou a base de registro e processamento de informação); e a das comunicações (composição das redes computadorizadas).

Isso significa dizer que “A evolução (...) da CPU ao *laptop* e ao *tablet* é secundária diante da revolução que a precede. (...) e se conta que todos pretendam aumentar os fatores de (...) velocidade, definição, acesso, operacionalidade lógica” – entrevistado 12.

Entendemos que essa pontuação é salutar porque pode contribuir para que se estabeleçam parâmetros capazes de compreender o ritmo e a lógica de lançamento de *hardwares* ligados à prática jornalística e, por consequência, de corroborar com o processo de ensino-aprendizagem do jornalismo na contemporaneidade.

A quarta pergunta [“O nível de esforço que você empreende para manter-se atualizado quanto às novas ferramentas tecnológicas ligadas ao jornalismo pode ser associado a uma espécie de intoxicação informativa (“infoxicação”)? Se sim, explique de



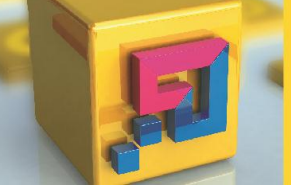
que modo isso se manifesta. Se não, comente de que maneira busca manter uma saudável relação com a necessidade de atualização”], central neste artigo, indicou uma resposta geral que aponta para uma relação saudável com o constante lançamento de *hardwares* e a percepção de que estes instrumentos fazem parte do funcionamento essencial da realidade contemporânea.

Esmiuçando a primeira parte da resposta, a relação saudável da maior parte dos entrevistados com os aparatos tecnológicos se orienta, sobretudo, a partir das demandas profissionais como docentes de jornalismo. Os professores utilizam alguns mecanismos para estabelecer essa conduta positiva. Entre eles estão: atualizar-se e complementar o uso de aparatos tecnológicos com convencionais meios de apreensão de conhecimento, como livros e contato direto com a realidade (sugerindo tal postura aos alunos); seguir um ritmo próprio de aprendizado em vez de agir influenciado por pressões externas; equilibrar o ritmo de vida, desenvolvendo outras atividades e deixando os fins de semana para atividades que não se relacionem diretamente com o computador, principalmente nos finais de semana; ser seletivo quanto ao aprofundamento, uso e aquisição de *hardwares*, balizando-se pela utilidade e aplicabilidade.

Evoluindo no detalhamento, mencionamos algumas respostas que ilustram o mosaico acima exposto. O entrevistado 5 afirmou: “Não me deixo contaminar pelas ‘novidades’. Não uso *WhatsApp* porque não tenho necessidade e prefiro gastar dinheiro com outras coisas, mesmo sabendo que não é caro... mas uso *pen drive*, e-mail, muito pouco do *Facebook* (via *notebook*)”.

Para o entrevistado 11 (que ministra disciplinas ligadas ao fotojornalismo e à produção midiática), é fundamental que o contato com as ferramentas tecnológicas seja pautado por uma vontade de conhecer responsável e não consumista, desregrada, sem parâmetros. Afinal, “A seleção realizada para não trazer tudo para a sala de aula auxilia neste processo. Não se pode aplicar todas as ferramentas disponíveis hoje. É preciso conhecer e avaliar a aplicabilidade ou não”.

Corroborando com esse pensamento o entrevistado 13 (que dá aulas relacionadas à produção noticiosa em revista e em meios digitais), que estabeleceu uma rotina para viabilizar uma forma de conhecimento e consumo saudável quanto aos *hardwares*, estimulado pelo fato de recentemente ter assumido a disciplina “Jornalismo Online”. “A



partir do método de rastrear *sites* jornalísticos em Mato Grosso, no Brasil e no mundo fiz a seleção dos *sites* mais adequados e que desenvolvem na plataforma digital e/ou *online* aquilo que os teóricos traçam. A partir disso, semanalmente procuro verificar se algo novo surgiu para poder aplicar em aula”.

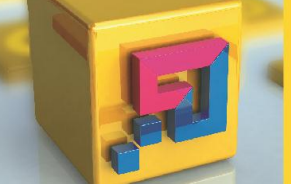
De outro lado, alguns respondentes concentraram suas ponderações no alto índice de necessidade que o trabalho docente na área de jornalismo tem em relação ao constante lançamento e uso de *hardwares*. O entrevistado 2 afirmou não ser/estar “inoficado”, contudo expôs utilizar “todas as ferramentas por necessidade”, o que significa que “dependemos destas ferramentas para fazer o nosso trabalho”.

O entrevistado 4 também disse não perceber intoxicação informativa em sua conduta profissional nem nos meios onde atua (universidade e empresa de jornalismo). Porém, pontuou que “na verdade, ficamos dependentes delas, o que é diferente”. E complementou explicando que essa relação de dependência, sobremaneira na área da Comunicação/Jornalismo, parte do entendimento de que os profissionais devem estar conectados à internet 24 horas por dia: “Se pensávamos que a tecnologia iria auxiliar na questão tempo, estamos perdendo tempo. Como qualquer outra droga, a tecnologia nos vicia, talvez mais. Nesse sentido, uma primeira relação saudável seria a de justamente questionar se devemos estar conectados e disponíveis o tempo todo”.

Diferente da elucubração acima, o entrevistado 12 não acredita na existência de “inoficação”, mas, sim em dificuldade ou incapacidade de lidar com a realidade contemporânea no campo da mídia, permeada por um grande volume de aparatos tecnológicos. A avaliação baseia-se no entendimento de que um dado somente passa a ter significado quando inserido em um repertório cultural, ajuntando-se ao volume de informações pré-existentes. Por isso,

qualquer perplexidade é assim passageira ou representa anomalia. A informação não absorvida é simplesmente descartada: a mente não é um saco onde se depositam coisas nem uma via de tráfego engarrafado: é o espaço de um processo seletivo em que se produzem relações com registro neural. (...) No caso do conhecimento procedural, uma nova habilidade sobrepõe-se à habilidade anterior levando ao esquecimento as condutas não incorporadas ao novo hábito que se adquire (ENTREVISTADO 12).

4 CONSIDERAÇÕES

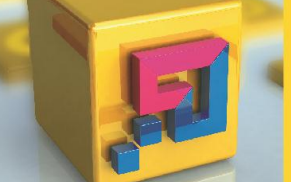


O mapeamento efetuado para este artigo não traz uma análise definitiva sobre o assunto, porém indica elementos de uma investigação científica (quanto ao relacionamento de professores de Comunicação/Jornalismo com o constante lançamento de *hardwares*) que se iniciou com uma pesquisa relativa ao uso sistemático de *softwares* como aplicativos, redes sociais, *blogs* e *podcasts* enquanto fatores de estresse no ambiente acadêmico (LOPES COSTA e LACHOWSKI, 2014). Constitui-se, assim, um complemento para compreensão do fenômeno da “infoxicação” no meio docente universitário na citada área de conhecimento. Entretanto, deve e será aprofundada e estendida por meio da produção de novos artigos científicos que abarquem outros aspectos do assunto.

Assim como no primeiro artigo científico, ainda que a maioria dos respondentes não tenha admitido “infoxicação”, observou-se determinada pressão do ambiente acadêmico e jornalístico em relação ao conhecimento, uso e aquisição de *hardwares*; entretanto, dentro de parâmetros que apontam para um relacionamento saudável com os aparatos tecnológicos.

Percebemos – com satisfação, registre-se –, que os papéis sociais do professor e do estudante tem sido respeitados e mantidos neste ambiente de convergência tecnológica, ao menos tomando por base as respostas dadas pelos docentes entrevistados, o que demonstra maturidade na compreensão do que seja o processo de ensino-aprendizagem. Isso, no entanto, não significa que o professor possa sustentar sua autoridade apenas no título ou na experiência de vida. Como se viu, os docentes têm procurado se informar e se atualizar constantemente para fortalecer sua formação acadêmico-profissional e promover diálogos e produções jornalísticas pautadas pela qualidade e pelo senso crítico.

No entanto, observamos que o entendimento quase geral dos entrevistados é de que o constante lançamento de *hardwares* é visto como algo “natural” ao processo de avanço tecnológico, sendo assim também compreensível que os docentes se ajustem a essa lógica. Essa situação, se analisada com maior teor reflexivo, pode apontar para uma estratégia mercadológica das empresas do setor, que se valem de um clima de pressão consumista que, sabemos, alicerça-se na obsolescência programada, e objetiva, precipuamente, não a qualidade da informação e o interesse público – pressupostos do jornalismo de concepção social –, mas, sim, o ganho financeiro. Nesse sentido, esse



aspecto subjacente à pesquisa pode ser o próximo passo a ser questionado em relação à grande temática da “infoxicação”.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Mario e FERRARI, Pollyana. **10 lembranças do jornalismo online 1.0**. IN: jornalistas da web, 14/03/2013. Disponível em

< <http://www.jornalistasdawe.com.br/2013/03/14/10-lembrancas-do-jornalismo-online-1-0> >. Acesso em ago.2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. – 6. Ed. - Porto Alegre: Sulina, 2013.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária**. São Paulo: 34, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES COSTA, Alfredo José e LACHOWSKI, Gibran Luis. **O Grand-Monde da blogosfera como fator de infoxicação na prática e no ensino de Jornalismo**. In: XI Congresso Lusocom, 2014, Pontevedra, Espanha. Disponível em < <http://lusocom2014.com/comunicacions-acceptadas/> >. Acesso em ago. 2014.

MARTINO, L. C. Pensamento comunicacional canadense: as contribuições de Innis e McLuhan. In: **Comunicação Mídia e Consumo**. São Paulo 5(14), 123-148, 2008.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives Digital Immigrants**. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon.

NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a). Disponível em

< <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> >. Acesso em ago.2014.

SOUSA, Janara. **Teoria do meio: contribuições, limites e desafios**. Brasília: UnB, 2009.